

Quando os vínculos nos convocam a pensar

Lisette Weissmann

Resenha de Isidoro Berenstein,
Del ser al hacer: curso sobre vincularidad,
Buenos Aires Barcelona México, Paidós,
2007, 177 p.

É um prazer fazer a resenha de um livro de quem foi meu professor por tantos anos. A trajetória de Isidoro Berenstein mostra um psicanalista que se encontra sempre à procura do conhecimento, buscando abrir novos caminhos, com a teoria vincular, por ele desenvolvida.

No livro *Del ser al hacer*, Berenstein nos apresenta as aulas por ele proferidas no Programa de Educação à Distância da Associação de Psicanálise de Buenos Aires (APDEBA). Trata-se de um curso de psicanálise de famílias, casais e instituições, que têm como eixo de trabalho a teoria do vínculo.

Del ser al hacer nos faz partícipes de um transcurso de pensamento que parte da clínica, requisitando-nos e nos estimulando para seguir pensando. Ao mesmo tempo, o caminho de pensamento recorrido não inviabiliza percursos anteriores, mas adiciona, acrescenta e enriquece. Berenstein nos faz acompanhar sua busca por uma nova teoria que dê conta do que

Lisette Weissmann é psicanalista, formada em psicologia e línguas, mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Participante convidada do grupo Psicopatologia e Contemporaneidade do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Professora no CEFAS Campinas, Supervisora de AUDEPP (Asociación Uruguaya de Psicoterapia Psicoanalítica) e membro fundador de AUPCV (Asociación Uruguaya de las Configuraciones Vinculares).

a clínica, o social e os pacientes desse momento histórico-cultural nos pedem. Ádua tarefa a de quem tenta não se basear nos conhecimentos preestabelecidos e nas verdades já aprendidas, para mergulhar em um caminho de descobertas e elaborações de novas conceituações.

O livro confronta o leitor com o movimento interno do pensamento atual do autor, bem como com sua evolução em diferentes épocas. Também nos aproxima dos diálogos de Berenstein com outros autores que têm providenciado laços fortes e marcas importantes dentro do campo da vincularidade. Em seu prefácio, o autor nos fala de como a teoria do vínculo constrói um caminho sem volta; ao trabalhá-la, tanto o autor quanto o leitor se perceberão modificados, *em vínculo*.

A contribuição mais significativa do autor está – como já foi dito – na forma como conceitua o vínculo. Essa modificação teórica tem largas conseqüências na forma de conceber o sujeito, fazendo com que o leitor – ao acompanhar as idéias do autor – reveja suas próprias posições.

Diz Berenstein:

Se não se modifica a posição subjetiva entre quem dá e quem recebe, cronificam-se os lugares. [...] Tem que haver uma modificação nas posições, caso se deseje uma mudança subjetiva. Se não se produz (essa modificação), observa-se um discurso vincular que fala de “nós” e encobre um “eu” dirigido a um “vocês” com quem não há vínculo, e sim uma relação de autoridade (p. 14).

Nas aulas transcritas neste livro, vemos professor e alunos, escritor e leitores enfrentarem a tarefa vincular na qual cada sujeito tenta desvendar, até as últimas conseqüências, o outro que dele se aproxima, para constituir e constituir-se em vínculo. Depois de caracterizar o sujeito e o outro, Berenstein se defronta com o conceito do *entre*, que implica um *fazer* que se revela como um trabalho vincular, tarefa que jamais acaba e que persiste infundavelmente. O autor diz: “se dispõem a pensar uns com outros, precisamente

entre todos. Mas acontece que não se pode estar confortavelmente sozinho, se não se está com os outros e que é impossível estar com outros se não se pode estar sozinho.” (p. 11). Movimento complexo e paradoxal que iremos atravessando na leitura que acompanha o pensar do autor.

Berenstein nos apresenta alguns conceitos novos: o já citado *entre*, o conceito de *presença*, o conceito de *imposição do outro*, o conceito de *interferência* e o *fazer com outros*. São conceitos que o autor vem desenvolvendo já há algum tempo, em seus livros anteriores como *El sujeto y el otro. De la ausencia a la presencia* (2001), *Devenir outro com outro(s). Ajenidad, presencia, interferencia* (2004).

O conceito de *vínculo* é o eixo central que sustenta o *estar com outros*. Dessa maneira, transita-se de um pensar *identitário* a um *pensar em vínculo*, no qual o *fazer com outros* tem um lugar fundamental. Desenvolve-se um percurso que parte da maneira clássica de entender a psicanálise individual, na qual a *relação de objeto* ocupa o lugar importante no desenvolvimento do sujeito, constituindo-se num espaço povoado pelos *objetos internos* que ficam registrados nas representações, tal como Sigmund Freud nos descreveu, representações que constituem a *identidade* através das *identificações*. As representações intrapsíquicas nos remetem a uma *ausência* necessária para que essas marcas se constituam na *relação de objeto*. Transcendendo essa visão clássica, defrontamo-nos com o conceito de *vínculo*, descrito por Berenstein ao longo do livro, conceito que estabelece *presenças* necessárias para constituir um *fazer entre* sujeitos, *fazer* marcado por um efeito evanescente que precisa ser sempre reatualizado.

Esses dois mundos, o mundo interno do sujeito e o mundo vincular, desenham caminhos diferentes, apesar de parecerem, por momentos, superpostos. Por isso, “obrigam o psiquismo a realizar trabalhos distintos” (p. 20).

O evoluir das teorizações de Berenstein parte de uma visão mais estrutural, própria dos anos 1980, até um olhar mais atual, que define o *vínculo* como parte de um *dever* de um sujeito

com outro, constituindo dois outros, distintos do que eram anteriormente. Isso delinea *vínculos* e *lugares móveis*, em movimento e com maiores possibilidades de mudar.

A pergunta que se impõe ao se centralizar a importância no *vínculo* e no *fazer* é: que lugar passam a ocupar os conceitos psicanalíticos que falam da história e das marcas que ela deixa nas representações? Descreve-se um trabalho de historicização atravessado por um *fazer* que não pode ser realizado em solidão. É um trabalho conjunto, que inclui as marcas anteriores, mas, por ocorrer num espaço que possibilita situações não previstas, ficam ordenados de forma diferente os fatos passados. Vemos como os conceitos psicanalíticos clássicos são incluídos à luz das teorias atuais, para tanto, recolhendo conceitos de Alain Badiou e Zigmund Baumann. Marca-se, assim, uma diferença entre o conceito de historicização, no qual se inclui um *fazer com*, diferente do conceito de *origem* como ponto de partida em um olhar cronológico. Porém, aquilo que é estabelecido como origem, por exemplo, a família, tem seu valor reconhecido como explicação e sentido do que acontece agora. Assim fica reconhecido o valor do passado no encontro com o presente. Procura-se outorgar luz sobre as ações que geram efeitos pelo que produzem e não somente através do que se interpreta e compreende. Ficariam discriminados assim a *história* e o *fazer*, dois caminhos que se aproximam, mas que não se superpõem.

Berenstein descreve o trajeto que – no correr do tempo, através das conceituações psicanalíticas e outras – o levou a conceber o conceito de *vínculo*. Propõe um descentramento tanto do conceito de *eu* para o de *sujeito em vínculo com outro*, quanto do conceito de *complexo de Édipo* para revê-lo dentro das estruturas vinculares. Tira assim o poder hegemônico de um ou outro, marcando uma possível relação entre eles.

Berenstein reformula o conceito de *vínculo*, nele incluindo a *presença*, o *alheio*, a *imposição*, bem como uma clínica da *interferência*, na qual se apresentam *relações de poder*, que mo-

dificam os conceitos de *transferência* e *contra-transferência*.

No vínculo, o *fazer entre* constitui um fato singular que coloca cada sujeito frente ao outro, apresentando-se cada um em sua *estrangeiridade*, como seres alheios entre si, situação essa produzida pela vincularidade. O outro se me apresenta e me surpreende, pois eu não tenho registro prévio dele, porém devo fazer-lhe um espaço e, nesse ato, tanto o sujeito quanto o outro se modificam. O conceito de *alheio* coloca os sujeitos como diferentes ao que eram em outros vínculos, ou ao que eles serão em vínculos futuros. A partir do *alheio* do outro é que os sujeitos começam a tecer sua vincularidade como uma situação absolutamente própria e particular, exclusiva de cada vínculo. Por outro lado, o vínculo só é possível em uma relação de *presença*, na qual cada sujeito como sujeito-outro se faz presente para se vincular, sem excluir sua alteridade nem seu estatuto de outro real externo, suporte do vínculo. A presença do outro não tem inscrição prévia, porém desenha outros caminhos subjetivos não possíveis anteriormente. Sem a relação de *presença*, estaríamos falando de uma relação de objeto, do mundo intra-subjetivo do sujeito. Um sujeito confrontado com o outro no vínculo pode opor resistência a este outro, pressionar o outro, ou seja, impor-se ao outro. É isso o que demarca o conceito de *imposição* dentro do vínculo. A *imposição* no vínculo *interfere* na identidade de cada um, não deixando que os sujeitos vinculados fiquem idênticos, e sim diferentes e alheios, *outros*.

O outro, através de sua presença, impõe-se ao sujeito, fazendo-se presente com sua alteridade, situação essa que obriga ao outro aceitá-lo como diferente, assim como a de que serão ambos modificados pelo encontro produzido. O outro excede o que o sujeito possa projetar a partir de seu mundo intrapsíquico e se faz presente com sua presença, demarcando seu ser *alheio*.

Todo o explicitado anteriormente assinala como o sujeito está obrigado a admitir o outro como inacessível em sua totalidade a seu conhe-

cimento, surpreendendo-se frente ao *estranho*, *alheio* do outro. Uma parte do outro é incognoscível para o sujeito, só pode ser tolerado como para sempre alheio, e é necessário um trabalho permanente para lhe dar espaço. Isso nos coloca frente ao trabalho do vínculo, trabalho que sempre está se refazendo e se re-traduzindo para aumentar a complexidade dos vínculos e enriquecê-los.

O autor, para pensar a teoria vincular, propõe um trabalho de “desarticular” os conhecimentos anteriores, evitar não articulá-los convencionalmente e, desse modo, possibilitar novas conexões entre os conceitos do vínculo e do outro.

Que aportes poderia a teoria dos vínculos trazer para a psicanálise individual? Ao ampliar o contexto de compreensão do paciente, por exemplo, ao incluir o entorno familiar, dar-nos-ia a teoria vincular uma maior inteligibilidade sobre o sofrimento dos sujeitos em suas relações. Mas o trabalho com o paciente vincular não substitui nem anula a análise com o paciente individual, pois se estaria falando de outro paciente, *não vincular*. Quando o mal-estar centra-se no vínculo ao qual esses sujeitos pertencem, então estaríamos frente ao *paciente vincular*. O autor descreve: “em nossa definição e a partir de um conceito metapsicológico, o específico é o vínculo interpessoal ou intersubjetivo” (p. 43).

O eixo fundamental que atravessa o livro insiste no conceito de *vínculo*. Em cada tema, Berenstein vai fazendo um trabalho semelhante ao de uma filigrana tecida com muitíssimo cuidado e aprimorado a cada passo dado, aula por aula. Define um trabalho de vínculo que se constrói a partir do outro, do que ele chama de *outridão* e a partir do *alheio* que o outro apresenta no vínculo. Constrói um trabalho em vínculo, no qual os sujeitos produzem e são produzidos pelo vínculo, traçando um percurso em espiral que parece não ter fim, desde que o relacionamento persista. O vínculo é simultaneamente co-instituinte do ego e do outro, ao mesmo tempo que os destitui dos lugares predeterminados nos espaços aos que pertenciam.

Adentrando-se no conceito teórico de *vínculo*, o psicanalista vai delimitando uma mudança fundamental na orientação em que a escuta psicanalítica se organiza, já que a mesma prioriza e relança os elementos subjetivos do relato, que pertencem ao mundo vincular. Além do trabalho na transferência e na contratransferência, o conceito de *interferência* demarca o acontecido e produzido *entre* esse paciente e esse analista como sujeitos singulares que, com seus desejos próprios, suas formas de pensar, suas singularidades, passam a ser sujeitos outros nesse víncu-

lo. A *interferência* define-se na situação analítica presente, atual, que se determina a partir do *fazer* agora que a presença dos sujeitos na análise determina.

O livro traça o vaivém de um aprimoramento teórico que ilumina a clínica, transmitindo o trabalho de escuta e o olhar específico que caracteriza o paciente vincular. Aqueles analistas que trabalham nos vínculos e com os vínculos encontrarão na presente obra uma referência importante sobre o tema, assim como farão parte de um espaço de troca nas aulas aqui oferecidas.